

VICTORIA SCHWAB

O
dueto
sombrio

MONSTROS DA VIOLÊNCIA VOL. 2

Tradução

GUILHERME MIRANDA

SÉQUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2017 by Victoria Schwab

Publicado mediante acordo com a autora, aos cuidados da BAROR INTERNATIONAL, INC., Armonk, Nova York, EUA.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL Our Dark Duet

CAPA E CALIGRAFIA DA CAPA Jenna Stempel-Lobell

FOTOS DE CAPA Getty Images

PREPARAÇÃO Lígia Azevedo

REVISÃO Érica Borges Correa e Renato Potenza Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Schwab, Victoria

O dueto sombrio / Victoria Schwab ; tradução Guilherme Miranda. — 1ª ed. — São Paulo : Seguinte, 2018.

Título original: Our Dark Duet.

ISBN 978-85-5534-066-6

1. Ficção norte-americana I. Título. II. Série.

18-12191

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.seguinte.com.br

contato@seguinte.com.br



/editoraseguinte



@editoraseguinte



Editora Seguinte



editoraseguinte



editoraseguinteoficial

Aos que estão perdidos dentro de si

Quem combate monstruosidades deve cuidar para que não se torne um monstro. E se você olhar longamente para um abismo, o abismo também olha para dentro de você.

FRIEDRICH NIETZSCHE, *Além do bem e do mal*

Estão aqui os demônios!

WILLIAM SHAKESPEARE, *A tempestade*

PRELÚDIO

NO ERMO, HAVIA UMA CASA ABANDONADA.

Lá uma menina crescera, e um menino havia sido queimado vivo. Um violino fora estilhaçado, e um estranho levava um tiro...

E um novo monstro nascera.

Na casa, ela passou por cima do corpo do homem morto no chão, dirigiu-se ao pátio e inspirou o ar fresco ao pôr do sol.

Então começou a andar.

No Ermo, havia um depósito esquecido.

Lá o ar era repleto de sangue, fome e calor, porque era de onde a menina havia escapado, onde o menino caíra e os monstros tinham sido derrotados...

Todos menos um.

Ele estava caído no chão, com uma barra de aço cravada nas costas. Ela atingia seu coração a cada batida, e sangue negro se espalhava como uma sombra sob seu terno escuro.

O monstro estava morrendo.

Mas não estava morto.

Ela o encontrou caído ali e tirou a barra de suas costas, observando enquanto ele cuspiu sangue negro sobre o chão do depósito e levantava para encará-la.

Ele sabia que seu criador estava morto.

E ela sabia que a dela não.

Ainda não.

VERSO I

CAÇADORA DE MONSTROS



Prosperidade

KATE HARKER SAIU CORRENDO.

Sangue gotejava de um corte superficial em sua panturrilha e seus pulmões doíam por causa do golpe que levava no peito. Ainda bem que tinha uma armadura, mesmo sendo improvisada.

— *Vire à direita.*

Suas botas deslizaram no pavimento escorregadio enquanto ela virava numa ruela. Kate soltou um palavrão quando viu que estava cheia de gente, com os toldos dos restaurantes abertos e as mesas na calçada, apesar da tempestade a caminho.

A voz de Teo soou em seu ouvido.

— *Ele está chegando.*

Kate deu meia-volta e saiu correndo pela rua principal.

— Se não quiserem um monte de vítimas me arranjem outro lugar.

— *Mais meio quarteirão, depois vire à direita* — disse Bea, e Kate se sentiu como um avatar em um videogame em que uma menina é perseguida por monstros em uma cidade enorme. Só que essa cidade enorme era real (a capital, no coração de Prosperidade), e os monstros também. O *monstro*. Kate já havia derrotado um, mas o outro estava atrás dela.

As sombras se agitavam à sua volta enquanto ela corria. Um ca-

láfrio percorreu seu corpo na noite úmida, e gotas grossas de chuva entraram por sua gola, escorrendo pelas costas.

— *Esquerda logo à frente* — instruiu Bea. Kate passou correndo por uma fileira de lojas e desceu por um beco, deixando um rastro de medo e sangue atrás de si. Ela chegou a um terreno estreito com um muro, então percebeu que não era um muro, mas a porta de um depósito. Por uma fração de segundo, estava de volta àquele lugar, algemada a uma barra numa sala escura, enquanto, do outro lado da porta, metal acertava ossos e alguém... — *Esquerda*.

Ao ouvir Bea repetir a instrução, Kate piscou para afugentar a memória. A porta estava entreaberta, então ela entrou com tudo no espaço vazio, escapando da chuva.

Não havia janelas ali e absolutamente nenhuma luz além da que vinha da rua, que iluminava poucos metros, deixando o resto da estrutura de aço mergulhado na escuridão. Seu coração martelava no peito enquanto acendia um bastão fluorescente benzido — ideia de Liam — e o atirava nas sombras, enchendo o depósito com luz branca.

— *Kate...* — interveio Riley pela primeira vez. — *Toma cuidado*.

Ela bufou. Ele sempre dava conselhos inúteis. Kate examinou o depósito, avistou engradados empilhados até as vigas de aço no teto e começou a subir, alçando-se no exato momento em que a porta do depósito chacoalhou.

Ela paralisou.

Kate prendeu a respiração quando dedos — não de carne e osso, mas de outra coisa — agarraram a porta e a abriram.

Estática soou em seu ouvido bom.

— *Como você está?* — Liam perguntou, nervoso.

— *Ocupada* — ela sussurrou, equilibrando-se enquanto o mons-

tro entrava pelo batente lá embaixo. O suor na pele dela esfriou. Por um instante, Kate imaginou os olhos vermelhos de Sloan, suas presas reluzentes, seu terno escuro.

Saia, pequena Katherine, ele diria. Vamos jogar um jogo.

Mas era só a mente dela pregando peças, porque a criatura entrando devagar no depósito não era um malchai. Era algo completamente diferente.

Tinha os olhos vermelhos de um malchai e as garras afiadas de um corsai, mas sua pele era de um preto-azulado como a de um cadáver putrefato, e não estava atrás de carne ou sangue.

Ele se alimentava de *corações*.

Kate não sabia por que tinha achado que os monstros seriam os mesmos. Veracidade tinha sua tríade, mas, ali, ela só havia deparado com uma espécie. Até então.

Mas Veracidade ostentava o maior índice de criminalidade dos dez territórios, e Kate tinha certeza de que, em grande parte, isso se devia ao seu pai. Já os pecados de Prosperidade eram mais difíceis de definir. Oficialmente, era de longe o território mais rico, mas sua economia robusta apodrecia de dentro para fora.

Se os pecados de Veracidade eram como facas, rápidos e violentos, os de Prosperidade eram venenos: lentos e insidiosos, mas igualmente letais. Não foi de repente que a violência começou a tomar uma forma tangível e monstruosa, como em Veracidade, mas num gotejar tão lento que a maioria da população tentava fingir que os monstros não eram reais.

A criatura no depósito indicava o contrário.

O monstro inspirou, como se tentasse *farejá-la*, um lembrete arrepiante de quem era o predador e quem era a presa, pelo menos no momento. O medo percorreu a espinha da garota enquanto a cabeça do monstro balançava de um lado para o outro. Então ele ergueu os olhos. Para ela.

Kate não esperou.

Pulou, segurando-se na viga de aço para aliviar a queda. Pousou agachada entre o monstro e a porta do depósito, com estacas extremamente afiadas lampejando em suas mãos, cada uma do comprimento do seu antebraço.

— Procurando por mim?

A criatura se virou, mostrando duas dúzias de dentes preto-azulados em uma carranca ferina.

— *Kate?* — insistiu Teo. — *Está vendo ele?*

— Sim — ela disse, seca. — Estou.

Bea e Liam falaram ao mesmo tempo, então Kate desligou as vozes, que um segundo depois foram substituídas por uma batida forte e um baixo pesado. A música encheu sua cabeça, abafando seu medo, sua dúvida, seu coração e tudo o que era inútil.

O monstro dobrou seus dedos longos. Kate se preparou, lembrando que o primeiro havia tentado abrir seu peito com um soco (ela ainda tinha os hematomas para provar), mas o ataque não veio.

— Qual é o problema? — ela perguntou ríspida, a própria voz perdida sob a batida. — Meu coração não é bom o bastante?

No começo, ela tinha se perguntado se a marca de seus crimes em sua alma a tornavam menos apetitosa.

Parecia que não.

O monstro *pulou*.

Kate sempre ficava surpresa ao descobrir como eram *rápidos*.

Por maiores que fossem.

Por mais feios que fossem.

Ela desviou, ágil.

Cinco anos e seis escolas particulares de defesa pessoal tinham lhe dado uma vantagem inicial, mas os últimos seis meses caçando os seres que surgiram nas trevas de Prosperidade haviam sido sua verdadeira educação.

Ela dançou entre os golpes, tentando evitar as garras do monstro e achar uma brecha na guarda dele.

Unhas varreram o ar sobre a cabeça de Kate, que desviou e conseguiu arranhar a palma da mão da criatura com a estaca de ferro.

O monstro rosnou e avançou contra ela, encolhendo-se depois que suas garras se cravaram na manga dela e chegaram à malha de cobre por baixo. Ela absorveu a maior parte do impacto, mas ainda assim Kate soltou um silvo de dor quando sua pele se abriu e sangue jorrou de seu braço.

Ela soltou um palavrão e chutou o peito da criatura.

O monstro, feito de fome, sanguinolência e Deus sabe o que mais, tinha duas vezes o tamanho dela, mas a sola da bota tinha uma placa de ferro. A criatura cambaleou para trás. O metal queimou um pedaço da carne, expondo a membrana espessa que protegia seu coração.

Na mosca.

Kate avançou, mirando a marca ainda escaldante. A estaca perfurou a cartilagem e o músculo antes de cravar com facilidade no centro vital do corpo da criatura.

Era engraçado como até os monstros tinham corações frágeis, ela pensou.

O impulso a projetou para a frente enquanto o monstro caía para trás. Os dois mergulharam juntos, e o corpo dele caiu sob o dela num monte de sangue negro. Kate levantou cambaleando e prendeu a respiração para se proteger da nuvem tóxica que pairava no ar até chegar à porta do depósito. Ela se apoiou ali, pressionando a palma da outra mão contra o corte fundo em seu braço.

A música em seu ouvido estava chegando ao fim, e ela apertou o botão que a reconectava com o Controle.

— *Quanto tempo passou?*

— *Precisamos fazer alguma coisa.*

— Calem a boca — ela disse. — Estou aqui.

Uma série de palavras veio a seguir.

Então algumas frases banais de alívio.

— *Situação?* — Bea perguntou.

Kate pegou o celular do bolso, tirou uma foto da gosma sanguinolenta no concreto e enviou para o grupo.

— *Meu Deus* — respondeu Bea.

— *Muito louco* — disse Liam.

— *Parece de mentira* — Teo comentou.

Riley parecia enjoado.

— *Eles sempre... se desmancham?*

A ladainha em seu ouvido era apenas mais um lembrete de que aquelas pessoas não tinham como estar do seu lado da luta. Todos tinham o mesmo objetivo, mas não eram como ela. Não eram caçadores.

— *E você, Kate?* — perguntou Riley. — *Está bem?*

O sangue encharcava sua panturrilha e pingava de seus dedos. Ela se sentia um pouco zozna, mas Riley era humano — Kate não precisava contar a verdade para ele.

— Ótima — ela disse, desligando antes que percebessem como arfava. O bastão fluorescente piscou algumas vezes e apagou, mergulhando tudo nas trevas de novo.

Mas Kate não se importou.

O lugar estava vazio agora.



KATE SUBIU A ESCADA, DEIXANDO UM RASTRO de gotas cinza. A chuva tinha voltado a cair no caminho para o apartamento. Apesar do frio, ela tinha se deliciado ao deixar a chuva lavar a maior parte do sangue negro.

Ainda assim, parecia ter lutado com um pote de nanquim — e perdido.

Ela entrou no apartamento do terceiro andar.

— Querido, cheguei.

Nenhuma resposta, obviamente. O lugar era de Riley e seus pais que pagavam, mas ele “vivia em pecado” com o namorado, Malcolm, em outra casa. Ela se lembrava de ter pensado que os pais de Riley claramente faziam compras usando um catálogo diferente daquele que Callum Harker usava quando viu o apartamento pela primeira vez, com seus tijolos expostos, suas obras de arte, sua mobília acolchoada e confortável.

Kate nunca tinha morado sozinha.

Os quartos dos alojamentos das escolas eram sempre para duas pessoas. No Harker Hall, ela tinha o pai, pelo menos na teoria. E a sombra dele, Sloan. Kate sempre imaginara que adoraria a privacidade, a liberdade, mas descobrira que ficar sozinha perdia um pouco do charme quando era a única opção.

Ela conteve a onda de autopiedade e foi ao banheiro, tirando a